Tudo que eu sabia sobre o amor quando era adolescente

O amor romântico é a coisa mais importante e excitante do mundo.

Se ainda não o encontraste quando já fores uma adulta propriamente dita, então, é porque fracassaste, como muitas das minhas professoras de Artes, que, já reparei, são tratadas por Menina em vez de Senhora, têm cabelo frisado e usam joias étnicas.

É importante ter bastante sexo com muitas pessoas, mas provavelmente não mais do que dez.

Quando eu for uma mulher solteira em Londres, vou ser extremamente elegante e magra e usar vestidos pretos e beber martínis e só hei de conhecer homens em lançamentos de livros e em inaugurações de exposições.

Um sinal de amor verdadeiro é quando dois rapazes se pegam à pancada por causa de ti. O ideal é haver sangue, mas sem que ninguém tenha de ir ao hospital. Um dia, há de acontecer comigo, se eu tiver sorte.

É importante perder a virgindade depois do décimo sétimo aniversário, mas antes do décimo oitavo. Literalmente, mesmo que seja apenas no dia anterior, tudo bem, mas se entrares nos teus dezoito anos ainda virgem, nunca hás de ter sexo.

Podes curtir com todas as pessoas que quiseres e tudo bem, não quer dizer nada — estás só a praticar.

Os rapazes mais interessantes são sempre altos e judeus e têm carro.

Os mais velhos são os melhores porque são mais sofisticados e vividos e também porque têm padrões um pouco menos rigorosos.

Quando as amigas têm namorados, tornam-se chatas. Uma amiga com namorado só tem piada se tu também tiveres namorado.

Se não fizeres *nenhuma* pergunta às tuas amigas sobre os respetivos namorados, elas acabam por perceber que achas o tema uma seca e deixam de falar sobre eles.

É uma boa ideia casar um pouco mais tarde e depois de teres vivido um pouco. Digamos, aos vinte e sete.

A Farly e eu nunca havemos de gostar do mesmo rapaz porque ela gosta deles baixos e atrevidos, como o Nigel Harman, e eu gosto deles machões e misteriosos, como o Charlie Simpson dos Busted. É por isso que a nossa amizade vai durar para sempre.

Nenhum momento da minha vida há de ser tão romântico como quando eu e a Lauren tocámos no Dia dos Namorados naquele bar marado em St. Albans e eu cantei *Lover, You Should've Come Over* e o Joe Sawyer estava sentado mesmo à frente e fechou os olhos porque antes tínhamos estado a falar sobre o Jeff Buckley e, basicamente, ele é o único rapaz que já conheci que me compreende mesmo a sério.

Nenhum momento da minha vida há de ser tão embaraçoso como quando tentei beijar o Sam Leeman e ele recuou e eu caí.

Nenhum momento da minha vida há de doer tanto como quando o Will Young assumiu que era gay e eu tive de fingir que não me importava, mas chorei enquanto queimava o livro com capas de couro que recebi na minha confirmação, onde tinha descrito a vida que íamos ter juntos.

Os rapazes gostam mesmo de nos ouvir dizer palavrões e acham que és infantil e nada fixe se és muito certinha.

Quando eu finalmente tiver um namorado, quase tudo o resto não me há de interessar.

Os rapazes

Para alguns, o som que definiu a sua adolescência foram os gritos alegres dos respetivos irmãos a brincar no jardim. Para outros, foi o barulho da corrente da sua bicicleta adorada, a pedalar ao longo de colinas e vales. Alguns hão de lembrar-se dos pássaros a cantar quando iam a pé para a escola, ou do som de gargalhadas e de bolas de futebol chutadas no recreio. Para mim, foi o som da ligação à internet da AOL.

Ainda hoje me lembro, nota a nota. Os primeiros bipes do telefone, o som estridente e semiacabado que indicava uma conexão ainda a meio, a nota aguda que nos dizia que estávamos a fazer alguns progressos, seguida de dois baques graves e abrasivos, um pouco de ruído branco. Então, o silêncio indicava que já tinhas passado o pior. «Bem-vindo à AOL», dizia uma voz suave, com uma inflexão ascendente no «O». Seguia-se o «Você tem *email*». Eu dançava pela sala ao som da ligação da AOL, para ajudar a passar mais depressa aquela espera agonizante. Até preparei uma rotina com coisas que aprendi no balé: um *plié* nos bipes; um *pas de chat* nos sons secos. Fazia isto todas as noites quando chegava da escola. Porque esta foi a banda sonora da minha vida. Porque passei a minha adolescência na internet.

Uma pequena explicação: eu cresci nos subúrbios. É isso: esta é a explicação. Quando eu tinha oito anos, os meus pais tomaram a cruel decisão de deixar um apartamento de cave em Islington e trocá-lo por uma casa maior em Stanmore: a última paragem na linha Jubilee do metro e nos limites mais distantes de North London. Era a margem nula da cidade; um observador da diversão, em vez de um estroina em plena festa.

Quando crescemos em Stanmore, não somos urbanos nem rurais. Eu estava demasiado longe de Londres para pertencer à malta fixe

que ia ao Ministry of Sound, não pronunciava os «g» e não usava roupa *vintage* fixe, comprada nas surpreendentemente boas lojas da Oxfam[1] em Peckham Rye. Mas estava demasiado longe dos Chilterns para ser uma daquelas raparigas selvagens, de bochechas coradas, que usavam camisolas de pescador velhas e aprendiam a conduzir o *Citroën* do pai quando tinham treze anos, iam dar passeios na floresta e metiam ácido com os primos. Os subúrbios de North London eram um vácuo de identidade. Eram tão beges como as carpetes macias que decoravam todas as casas. Não havia arte, cultura, edifícios antigos, jardins, lojas independentes ou restaurantes. Havia clubes de golfe e filiais do Prezzo[2] e escolas particulares e calçadas e rotundas e *retail parks* e centros comerciais com cobertura de vidro. As mulheres pareciam iguais, as casas pareciam iguais, os carros eram todos iguais. A única forma de expressão passava por gastar dinheiro em coisas homogeneizadas: jardins de inverno, ampliações de cozinha, carros com GPS, férias com tudo incluído em Maiorca. A não ser que jogasses golfe, quisesses fazer madeixas ou visitar um stande da *Volkswagen*, não havia rigorosamente nada para fazer.

Isto era particularmente verdade se fosses uma adolescente à mercê da disponibilidade da tua mãe para te levar com ela no seu *Volkswagen Golf GTI*. Por sorte, eu tinha a minha melhor amiga, a Farly, que vivia a cinco quilómetros de bicicleta de minha casa.

A Farly era, e ainda é, diferente de qualquer outra pessoa na minha vida. Conhecemo-nos na escola quando tínhamos onze anos. Ela era e continua a ser o oposto total de mim. Ela é morena; eu sou loira. Ela é um pouco baixa de mais; eu sou um pouco alta de mais. Ela planeia e programa tudo; eu deixo tudo para a última hora. Ela adora a ordem; eu prefiro a confusão. Ela adora regras; eu detesto regras. Ela não tem ego; eu acho que a minha torrada matinal é suficientemente importante para justificar uma divulgação nas redes sociais (em três

[1] Oxford Committee for Famine Relief, nome de uma confederação de organizações que atua em mais de noventa países com o intuito de procurar soluções para a pobreza, desigualdade e injustiça. Neste caso, a autora faz referência às lojas onde se podem encontrar diversos artigos quase novos por preços muito vantajosos. (*N. T.*)

[2] Nome de uma cadeia de restaurantes de inspiração italiana, em Inglaterra e na Irlanda. (*N. T.*)

canais). Ela está sempre muito presente e centrada no que está a fazer; eu estou sempre metade na vida, metade numa versão fantástica dela que vivo na minha cabeça. Mas, sabe-se lá como, entendemo-nos. Nunca tive tanta sorte na vida como no dia em que a Farly se sentou ao meu lado na aula de Matemática em 1999.

A ordem do dia com a Farly era sempre a mesma: sentávamo-nos à frente da televisão a comer montes de *bagels* e batatas fritas (mas só quando os nossos pais estavam fora — outra característica das classes médias suburbanas é a esquisitice com os sofás, além de terem sempre salas de estar onde é «expressamente proibido comer») e a ver *sitcoms* norte-americanas para adolescentes no Nickelodeon. Quando se acabavam os episódios de *Sister, Sister, Two of a Kind e Sabrina the Teenage Witch*, passávamos para os canais de música, a olhar para o ecrã de boca aberta enquanto saltávamos da MTV para a MTV Base e a VH1 a cada dez segundos, à procura de um determinado vídeo do Usher. Quando nos fartávamos, voltávamos ao Nickelodeon e víamos outra vez todos os episódios das séries norte-americanas para adolescentes que tínhamos visto uma hora antes.

O Morrissey descreveu a sua vida de adolescente como tendo sido passada «à espera de um autocarro que nunca chegava»; um sentimento que apenas é agravado quando chegas à idade adulta num lugar que mais parece uma sala de espera toda bege. Eu estava entediada, triste e sentia-me sozinha, num desassossego para que a minha infância acabasse. E, então, qual galante cavaleiro de armadura reluzente, surgiu a ligação à internet da AOL no grande computador da minha família. E, então, surgiu o MSN Instant Messenger.

Quando descarreguei o MSN Messenger e comecei a adicionar contactos de *email* — amigas da escola, amigas de amigas, amigas em escolas próximas que eu nunca tinha visto —, foi como bater na parede de uma cela de prisão e ouvir alguém bater em resposta. Foi como encontrar relva em Marte. Foi como ligar o botão do rádio e finalmente ouvir a estática transformar-se numa voz humana. Foi uma fuga da minha pasmaceira suburbana para uma abundância de vida humana.

O MSN era mais do que uma maneira de manter o contacto com as minhas amigas em adolescente: era um lugar. É assim que me lembro dele, como um quarto onde eu passava fisicamente horas sentada, todas as noites e fins de semana até que os meus olhos ficavam vermelhos de tanto olhar para o ecrã. Mesmo quando deixávamos os subúrbios e os meus pais nos levavam generosamente, a mim e ao meu irmão, para umas férias em França, aquele continuava a ser o quarto que eu ocupava todos os dias. A primeira coisa que fazia quando chegávamos a um novo hotel era descobrir se havia um computador com internet — geralmente um velho *desktop* numa cave escura — e depois entrava no MSN Messenger e instalava-me sem qualquer problema a conversar durante horas enquanto um mal-humorado rapaz francês esperava a vez dele atrás de mim sentado numa poltrona. O sol da Provença brilhava lá fora, onde o resto da minha família se bronzeava e lia junto à piscina, mas os meus pais sabiam que nem valia a pena argumentar comigo quando se tratava do MSN Messenger. Aquele era o centro de todas as minhas amizades. Era o meu espaço privado. Era a única coisa a que eu podia chamar minha. Como já disse, era um lugar.

O meu primeiro endereço eletrónico foi munchkin_1_4@hotmail.com, que eu configurei aos doze anos na sala de informática da minha escola. Escolhi o número 14 porque imaginava que só o teria de usar durante dois anos antes de se tornar infantil: tinha tempo para apreciar esta nova moda e as suas variadas excentricidades até que o endereço perdesse relevância no meu décimo quarto aniversário. Só comecei a usar o MSN Messenger aos catorze e, nesse espaço de tempo, também experimentei willyoungisyum@hotmail.com para expressar a minha nova paixão pelo vencedor do *Pop Idol* em 2002. Também tentei thespian_me@hotmail.com, depois de um desempenho memorável como Mister Snow na produção escolar de *Carousel*.

Voltei ao munchkin_1_4 quando descarreguei o MSN Instant Messenger e aproveitei os contactos do MSN Messenger, que entretanto já transbordavam com amigas da escola que eu tinha acumulado desde a conceção deste endereço. Mas, e isto foi fundamental, registou-se também a aparição dos rapazes. Ora, eu não conhecia

rapazes nenhuns naquela altura. Além do meu irmão, do meu primo, do meu pai e de um ou dois amigos do críquete do meu pai, a verdade é que eu não tinha passado tempo nenhum com homens durante toda a minha vida. Mas o MSN trouxe com ele os endereços eletrónicos e avatares desses novos Rapazes Fantasmas: doações de várias raparigas da minha escola — aquelas que saíam com rapazes ao fim de semana e depois cediam magnanimamente os respetivos endereços de *email* ao restante corpo discente. Estes rapazes faziam o circuito do MSN: todas as raparigas da minha escola adicionavam-nos aos seus contactos e cada uma tinha os seus quinze minutos de fama a conversar com eles.

A origem dos ditos rapazes, de um modo geral, encaixava-se numa de três categorias. A primeira: o afilhado da mãe de uma das raparigas ou alguma espécie de amigo da família, na periferia da sua vida e com o qual ela tinha crescido. Era normalmente um ano ou dois mais velho do que nós, muito alto e esgalgado, com uma voz profunda. Também nesta categoria estavam os vizinhos estudantes de alguém. A categoria seguinte eram os primos em primeiro ou segundo grau de alguém. Finalmente, e também os mais exóticos, tínhamos os rapazes que alguém tinha conhecido quando estava de férias com a família. Estes eram o Santo Graal, a sério, visto que podiam ser de qualquer lugar, tão distante quanto Bromley ou Maidenhead, mas ali estávamos nós, a falar com eles no MSN Messenger como se estivéssemos na mesma sala. Que loucura; que aventura.

Não demorei a organizar uma agenda destes «perdidos & achados», atribuindo-lhes um rótulo à parte na minha lista de contactos — um simples «RAPAZES». Passava semanas à conversa com eles — sobre opções de cursos a seguir, as nossas bandas preferidas, o quanto fumávamos e bebíamos e «até aonde» tínhamos «avançado» com o sexo oposto (sempre uma obra de ficção trabalhosamente desenvolvida). É claro que fazíamos pouca ou nenhuma ideia do aspeto de alguém: isto era antes dos telemóveis com câmara e dos perfis nas redes sociais, pelo que a única coisa que tínhamos era a pequena foto do perfil do MSN e a descrição deles. Às vezes, eu dava-me ao trabalho de usar o digitalizador da minha mãe para carregar uma fotografia minha com bom aspeto, tirada numa refeição em família

ou em férias; depois, usava o *Paint* para recortar cuidadosamente a minha tia ou o meu avô, mas, essencialmente, isto dava demasiado trabalho para valer a pena.

A chegada de rapazes virtuais ao mundo das nossas amigas de escola veio acompanhada de todo um conjunto de novos conflitos e dramas. Havia uma fábrica de boatos constantes sobre quem andava a conversar com quem. As raparigas juravam a sua dedicação a rapazes que nunca tinham conhecido, inserindo no seu nome de utilizador o nome próprio dele, com estrelas e corações e sublinhados de ambos os lados. Algumas achavam que estavam num diálogo *online* exclusivo com um rapaz, mas a aparição destes nomes de utilizador denunciava uma história diferente. Às vezes, éramos adicionadas por raparigas de escolas vizinhas que nunca tínhamos conhecido e nos perguntavam diretamente se andávamos a falar com o mesmo rapaz que elas. Ocasionalmente — e isto servia sempre como um alerta na sala de convívio —, revelávamos sem querer um relacionamento com um rapaz no MSN: escrevíamos uma mensagem para ele na janela errada e, por engano, mandávamos essa mensagem para uma amiga. Seguiam-se verdadeiras tragédias de nível shakespeariano.

Havia uma etiqueta complicada que acompanhava o MSN: se nós e um rapaz de quem gostávamos estávamos ambos *online*, mas ele não estava a falar connosco, uma maneira garantida de lhe chamar a atenção era sair e voltar a entrar, porque assim ele era avisado da nossa reentrada e lembrado da nossa presença, o que, esperávamos nós, resultaria numa conversa. Havia também o truque de esconder que estávamos *online* quando só queríamos falar com um contacto específico, o que então podíamos fazer furtivamente. Era uma complexa dança de salão na qual eu participava alegremente e de boa vontade.

Estas longas correspondências raramente resultavam num encontro na vida real e, quando isso acontecia, eram quase sempre uma enorme deceção. Havia o Max com o apelido hifenado — um famoso Casanova do MSN, conhecido por mandar relógios *Baby G* às raparigas pelo correio —, com quem a Farly aceitou encontrar-se junto a uma banca de jornais em Bushey numa tarde de sábado, depois de meses de conversa *online*. Ela chegou lá, viu quem ele era, passou-se e escondeu-se atrás de um caixote do lixo. Viu-o ligar

repetidas vezes numa cabina telefónica para o telemóvel dela, mas não conseguiu encarar a realidade de um encontro ao vivo e voltou para casa. Mesmo assim, continuaram a falar horas a fio todas as noites no MSN.

Eu tive dois. O primeiro foi um desastroso encontro às cegas num centro comercial que durou menos de quinze minutos. O segundo foi um rapaz de um colégio interno das redondezas com quem tinha falado durante quase um ano antes de finalmente termos o nosso primeiro encontro no Pizza Express, em Stanmore. Durante o ano seguinte, tivemos uma espécie de relação intermitente, essencialmente porque ele estava sempre trancado no colégio. Mas eu ia visitá-lo de vez em quando, com batom e uma mala cheia de maços de tabaco que comprava para ele, como se fosse o Bob Hope em missão para entreter as tropas durante a II Guerra Mundial. Ele não tinha acesso à internet no dormitório, pelo que o MSN estava fora de questão, mas resolvíamos a situação com cartas semanais e longos telefonemas que faziam o meu pai envelhecer de desespero quando recebíamos uma conta mensal de três dígitos para o telefone fixo.

Aos quinze anos, comecei um caso mais absorvente do que qualquer outra coisa que me tivesse acontecido nas janelas do MSN Instant Messenger quando me tornei amiga de uma rapariga de cabelo despenteado, sardas e olhos cor de avelã e delineados a preto, chamada Lauren. Já nos tínhamos visto em festas de aniversário no Hollywood Bowl desde que éramos miúdas, mas conhecemo-nos como deve ser por intermédio de uma amiga em comum, a Jess, durante um jantar numa das muitas cadeias de restaurantes italianos de Stanmore. A ligação que se estabeleceu entre nós foi como aquelas que eu já tinha visto nos filmes românticos na ITV. Conversámos até ficarmos com a boca seca, terminámos as frases uma da outra, rimo-nos como malucas; depois de a Jess ir para casa, acabámos por ser corridas do restaurante e ficámos as duas sentadas num banco, ao frio, para podermos continuar a conversar.

Ela tocava guitarra e estava à procura de uma vocalista para começar uma banda; eu tinha cantado numa pouco frequentada noite

de microfone aberto em Hoxton e precisava de uma guitarrista. Começámos a ensaiar versões bossa nova das canções dos Dead Kennedys no dia seguinte, no barracão do jardim da mãe dela — isto com o nome provisório de «Raging Pankhurst» para a nossa banda. Mais tarde, mudámos para o ainda mais inexplicável «Sophie Can't Fly». O nosso primeiro espetáculo foi num restaurante turco em Pinner, onde apenas um cliente no restaurante à cunha não pertencia à nossa família nem era uma amiga da escola. Depois, tivemos a nossa grande digressão: o *foyer* de um teatro em Rickmansworth, o anexo abandonado de um bar em Mill Hill, um pavilhão de críquete nos arredores de Cheltenham. Atuávamos em qualquer rua onde não houvesse um polícia à vista. Cantávamos na receção de qualquer *bar mitzvah* que nos aceitasse.

Também partilhávamos um passatempo: um método pioneiro de multiplataformas para os nossos conteúdos no MSN. Ainda no princípio da nossa amizade, descobrimos que, desde a aparição do Instant Messenger, entretínhamo-nos a copiar e colar as nossas conversas com rapazes num documento do Microsoft Word, imprimindo-as depois e guardando as páginas num dossiê para ler antes de dormir, como um romance erótico. Achávamos que éramos uma espécie de Bloomsbury Group de dois elementos no MSN Messenger da década de 2010.

Mas, pela mesma altura em que me tornei amiga da Lauren, deixei os subúrbios e passei a viver setenta e cinco quilómetros a norte de Stanmore, num colégio interno misto. O MSN já não podia satisfazer a minha curiosidade pelo sexo oposto: eu tinha de saber como eles eram na vida real. O cheiro a *Ralph Lauren Polo Blue* que se ia desvanecendo numa carta de amor já não me satisfazia, nem os *pings* das novas mensagens no MSN. Fui para o colégio interno para tentar habituar-me aos rapazes.

(Aparte: e graças a Deus que o fiz. A Farly continuou na nossa escola só de raparigas até ao fim e, quando chegou à universidade, sem nunca ter convivido com rapazes, mais parecia um touro à solta numa loja de porcelanas. Na primeira noite da semana dos caloiros, houve uma «festa dos semáforos», onde os solteiros deviam usar qualquer coisa verde e quem estava numa relação usava qual-

quer coisa vermelha. A maioria pensou que bastaria usar uma *t-shirt* verde, mas a Farly apareceu no bar da nossa residência com meias verdes, sapatos verdes, um vestido verde e um enorme laço verde no cabelo, tudo isto rematado por uma bruma de laca verde. Mais valia ter aparecido com «ANDEI NUMA ESCOLA SÓ DE RAPARIGAS» tatuado na testa. Hei de me dar sempre por agradecida pelos dois anos de interação mista naquele colégio interno, caso contrário, receio que também teria caído na tentação da lata de laca verde na semana dos caloiros.)

Como se veio a ver, descobri que não tinha rigorosamente nada em comum com a maioria dos rapazes e praticamente nenhum interesse neles, a menos que os quisesse beijar. E nenhum rapaz que eu queria beijar queria beijar-me a mim, pelo que eu podia muito bem ter ficado em Stanmore e continuado a apreciar uma série de relações de fantasia que tinham lugar nos campos férteis da minha imaginação.

Atribuo a culpa das minhas elevadas expetativas amorosas a duas coisas: a primeira é que sou filha de pais quase embaraçosamente apaixonados um pelo outro; a segunda são os filmes que vi nos meus anos formativos. Em criança, tinha uma obsessão bastante invulgar por musicais antigos e, tendo crescido completamente viciada nos filmes do Gene Kelly e do Rock Hudson, sempre esperei que os rapazes se portassem com idêntico charme e elegância. Mas a escola mista depressa pôs um fim a esta minha ideia. Vejamos, por exemplo, a minha primeira aula de Política. Eu era uma das duas únicas raparigas numa turma de doze e nunca tinha estado com tantos rapazes numa sala em toda a minha vida. O mais bonito deles, que já me tinham dito ser um famoso quebra-corações (o irmão mais velho que tinha saído da escola no ano anterior era conhecido como «Zeus»), passou-me um bilhete enquanto a professora explicava o que era a Representação Proporcional. O bilhete vinha dobrado com um coração desenhado na frente, o que me levou a acreditar que era uma carta de amor; abri-o com um sorriso tímido. Todavia, quando o desdobrei, dei com a imagem de uma criatura, prestavelmente legendada para me informar de que se tratava de um *orc* do Senhor dos Anéis, com «ÉS IGUAL A ELE» rabiscado por baixo.

A Farly ia-me visitar aos fins de semana e mirava aquelas centenas de rapazes de todas as cores e feitios, a passear pelas ruas, com os sacos de desporto e tacos de hóquei ao ombro. Ela não queria acreditar na minha sorte, que eu podia sentar-me nos bancos da capela todas as manhãs a pouca distância deles. Mas eu achava a realidade dos rapazes um pouco dececionante. Não eram tão divertidos como as raparigas que tinha conhecido ali, nem de longe tão interessantes ou simpáticos. E, por alguma razão, eu nunca era capaz de me descontrair quando estava perto de algum deles.

Quando acabei o liceu, já não usava o MSN Messenger tão religiosamente como antes. O meu primeiro trimestre na Universidade de Exeter chegou e, com ele, o advento do Facebook. O Facebook era um achado em termos de rapazes *online* — e desta vez, melhor ainda, tínhamos todas as informações vitais reunidas numa única página. Eu estudava regularmente as fotos dos meus colegas da universidade e adicionava todos aqueles cujo aspeto me agradava, o que rapidamente se transformava numa troca de mensagens e em encontros marcados numa das muitas festas *Vodka Shark* ou noites da espuma que aconteciam naquela semana. Eu estava num *campus* universitário numa cidade de catedrais no Devon: localizarmo-nos uns aos outros não era tarefa difícil. Se o MSN tinha sido uma tela em branco na qual eu podia espalhar as mais vívidas fantasias, as mensagens do Facebook eram uma ferramenta de encontros puramente funcional. Era assim que os estudantes identificavam a sua próxima conquista e preparavam a próxima quinta-feira à noite.

Quando acabei a universidade e voltei para Londres, tinha desistido definitivamente do meu costume de abordar potenciais interesses amorosos no Facebook com a agressividade persuasiva de uma representante da Avon, mas um novo padrão começava a formar-se. Eu conhecia um homem por intermédio de uma amiga ou numa festa ou numa saída à noite, ficava-lhe com o nome e telefone e depois iniciava uma relação epistolar com ele via SMS ou *email* durante semanas a fio antes de confirmar um segundo encontro na vida real. Talvez fosse porque esta era a única maneira que eu conhecia para ficar a conhecer alguém, com uma certa distância entre nós, com es-

paço suficiente para preparar e filtrar a melhor versão de mim mesma — todas as boas piadas, todas as melhores frases, todas as canções que eu sabia que o haviam de impressionar, normalmente enviadas pela Lauren. Em troca, eu mandava-lhe canções que ela mandava ao interesse epistolar dela. Uma vez, ela comentou que trocávamos boa música entre nós ao preço da chuva e que depois a mandávamos aos nossos interesses amorosos como se fossem descobertas nossas, com uma «comissão emocional».

Esta forma de correspondência acabava quase sempre numa desilusão. Lentamente, comecei a perceber que é melhor que estes primeiros encontros aconteçam na vida real, e não em forma escrita, caso contrário, a disparidade entre quem imaginamos que a outra pessoa é e quem ela realmente é torna-se cada vez maior. Muitas vezes, eu inventava uma pessoa na minha cabeça e criava a nossa química como se estivesse a escrever um guião e, quando nos encontrávamos na vida real, acabava por ter uma desilusão enorme. Quando as coisas não corriam como eu imaginava, era como se eu pensasse que ele devia ter recebido uma cópia do guião que eu tinha escrito, sentindo-me frustrada porque o agente obviamente se tinha esquecido de lho mandar para que ele o pudesse decorar.

Qualquer mulher que passou os seus anos formativos apenas rodeada de outras raparigas há de dizer o mesmo: nunca nos livramos da ideia de que os rapazes são as criaturas mais fascinantes, sedutoras, repulsivas e bizarras à face da Terra: tão perigosas e mitológicas como o Abominável Homem das Neves. Quase sempre, isto também significa que hás de ser uma fantasista garantida para toda a vida. Como é que poderia se de outra forma? Durante anos a fio, tudo o que fiz foi sentar-me em muros com a Farly, aos pontapés nos tijolos com as minhas grossas solas de borracha, a olhar para o céu e a tentar sonhar o suficiente para me distrair da visão interminável de centenas de raparigas à nossa volta com uniformes a condizer. A imaginação tem o treino diário de um atleta olímpico quando andamos numa escola só de raparigas. É incrível como nos acostumamos ao calor intenso da fantasia quando é nela que, com tanta frequência, encontramos um escape.

Sempre pensei que o meu fascínio e obsessão pelo sexo oposto haviam de acalmar quando acabasse de estudar e a vida começasse, mas mal sabia eu que, chegados os meus vinte e tantos anos, continuaria a saber tão pouco sobre como estar com rapazes como quando entrei pela primeira vez no MSN Messenger.

Os rapazes eram um problema. Um problema que eu ia demorar quinze anos a resolver.